

# MAN ZUÁ



## 1 FOGO DE MONTURO: MEMÓRIA DA MONTAGEM DO GRUPO ARKHÉTYPOS E A ATUAL PRÉ-DITADURA NO BRASIL

Luciana de Fátima R. P. de Lyra<sup>1</sup>

### RESUMO

Partindo da montagem do espetáculo *Fogo de Monturo*, com o Grupo de Teatro Arkhétypos (UFRN), entre os anos de 2014 e 2015, este artigo, grafado em primeira pessoa, busca cartografar uma linha memorial que traça referenciais de construção da dramaturgia, da música e dos elementos visuais deste trabalho, intentando apontar a sua encenação como plataforma prognóstica de um programa político pré-ditatorial instalado no Brasil em tempos de ação *bolsonarista* na presidência da república, entre os anos de 2019 e 2020.

### PALAVRAS-CHAVE:

Fogo de Monturo; Grupo de Teatro Arkhétypos; Encenação teatral; Préditadura no Brasil.

### ABSTRACT

Starting from the montage of the spectacle *Fogo de Monturo*, with the *Arkhétypos Theater Group* (UFRN), between the years 2014 and 2015, this article, in first person, seeks to map a memorial line that traces references for the construction of dramaturgy, music and visual elements of this work, intending to point the staging as a prognostic platform for a predictorship political program installed in Brazil in times of *bolsonarista* action in the presidency of the republic, between the years 2019 and 2020.

### KEYWORDS:

Fogo de Monturo; Arkhétypos Theater Group; Theatrical staging; Predictorship in Brazil.

---

Luciana Lyra é atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. Docente efetiva do Depto. de Ensino da Arte e Cultura Popular e da Pós Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é docente colaboradora e pós doutora em Artes Cênicas pelo PPGARC da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Também é docente colaboradora do PPGT da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós doutora em Antropologia, pela FFLCH/USP, doutora e mestre em Artes Cênicas pelo IA/UNICAMP, coordena o grupo de pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias feministas nas artes e seu estúdio de investigação, UNALUNA – PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Sites: [www.unaluna.art.br](http://www.unaluna.art.br) e [www.lucianalyra.com.br](http://www.lucianalyra.com.br).

# MAN ZUA



No período em que militares marcharam pelas ruas das principais cidades brasileiras, proclamando o golpe de estado, em 1964, foram recebidos de braços abertos pelas mulheres representantes da família e dos bons costumes da moral vigente. Se a presença da mulher foi decisiva na sedimentação do golpe militar nesta fase, ela não foi menor na luta contra a ditadura. Em oposição aos princípios firmados pela sociedade de seu tempo, elas abandonaram a vida burguesa para a qual foram criadas, deixaram as salas de aulas das universidades, pegaram em armas e foram para as ruas das grandes cidades ou para o meio das selvas lutando contra as armas da repressão. Eram as mulheres guerrilheiras. A maioria delas jovens de pouco mais de vinte anos, nascidas nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial ou pouco tempo depois, filhas das ideologias da Guerra Fria.

Estas mulheres desabrocharam na década de sessenta, divididas entre a revolução sexual, a liberação feminina e os ideais de esquerdas. Combateram a repressão da sociedade de seu tempo e, fundamentalmente, contra a opressão de uma ditadura sanguinária. Valentes e destemidas, elas suscitaram as mais controversas opiniões, chegando a ser admiradas e respeitadas pelos seus algozes. Não foram poucas que sucumbiram às torturas ou tombaram executadas nas matas. Muitas advindas do movimento estudantil universitário, após a queda da UNE, avançaram na clandestinidade, nas guerrilhas urbanas e nas operações da lendária guerrilha do Araguaia.

Foram estas guerrilheiras metáforas para a criação de *Fogo de Monturo*<sup>2</sup>, sob minhas dramaturgia e encenação, com o grupo de

---

02 - O texto Fogo de Monturo foi selecionado como finalista no Concurso de dramaturgia feminina 2015, no projeto LA SCRITTURA DELLA DIFFERENZA, organizado pela Compagnia Metec Alegre, com sede em Nápole, na Itália, e publicado, 2017, pela editora Giostri, de São Paulo.

# MAN ZUÁ



teatro *Arkhétypos*, da UFRN<sup>3</sup>. Em *Fogo de Monturo* a guerrilheira se configurou como tema circunscrito nos laboratórios mitodológicos<sup>4</sup> em salas de ensaio, a partir do *mito-guia*<sup>5</sup>: o elemento FOGO. Faz-se mister dizer que o processo de montagem do espetáculo deu-se a partir de janeiro de 2015, seguindo a jornada vivenciada em 2014, com o roteiro, a *protoperformance*<sup>6</sup> e a criação dramaturgica.

Durante os meses de processo e montagem, as atrizes e os atores vivenciaram imagens e narrativas pessoais referentes às mulheres fortes de suas próprias famílias e

às guerrilheiras da cidade de Natal-RN, como também se conectaram com imagens de lutas, greves e protestos iniciados no ano de 2014, muitos deles lembrando inclusive dos 50 anos da ditadura militar de 1964. Essas investigações acabaram por produzir material para criação dramaturgica e cênica calcadas exatamente numa atuação onde as pulsões idiossincráticas coadunaram-se com as personagens fabulares, provocando uma atuação que intitulo de *f(r)iccional*<sup>7</sup>.

A saber, a estória de *Fogo de Monturo* descortina a jornada da heroína *Fátima*, uma jovem filha

---

03 - O processo de criação e montagem de *Fogo de Monturo*, foi base para o meu pós doutoramento em Artes da Cena, na UFRN, entre 2014 e 2015, junto ao *Arkhétypos*, grupo de extensão e pesquisa na área do teatro, ligado ao Departamento de Arte desta universidade, sob coordenação do Prof. Dr. Robson Haderchpek.

04 - Referente à Mitodologia em Arte, complexo de procedimentos de cunho ritualísticos e míticos para de criação cênica/performativa, por mim defendido na tese de doutoramento em artes da cena, na UNICAMP-SP, em 2011.

05 - Equivalente ao mito-diretor estudado no campo da Antropologia do Imaginário (DURAND, 1990), também compreendido por tema mítico central de um processo criativo.

06 - Refere-se a uma ideia de performance preliminar, que veio a ser adensada com a montagem do espetáculo posteriormente.

07 - O termo *f(r)icção* relaciona-se com ideia do entrelugar real/ficcional. Advindo do campo da antropologia (DAWSEY, 2005), o termo é por mim reinventado no contexto artístico.

# MAN ZUÁ



---

---

de senhores de engenho, envolvida com o terreiro do *Maracatu Fogo Branco* de sua cidadezinha *Monturo*, pacato lugarejo de interior. Antes de ser coroada como rainha do brinquedo, recebe o chamado para cursar Direito na *Capital*, que ferve em pleno regime ditatorial. Apesar dos delicados apelos de *Estêvão*, seu amigo agricultor, e do amor por *Camilo*, o sonhador cineasta, Fátima aceita o desafio e migra.

Curiosamente, no ato de migração de Fátima, o fantasma de *Gaba Machado*, prostituta de Monturo de tempos do império, volta a assombrar moradores, incitando à revelação dos seus desejos ocultos. Há de se explicitar que Gaba desencarnou tostada por meio de choques aplicados pelo grande senhor das terras, Monsenhor de Monturo, porque *falava demais* sobre os desmandos do Senhor.

No ingresso na universidade, Fátima tem seu primeiro contato com a Professora, poeta subversiva ao regime, que utiliza de seus versos

para incitar a revolução entre os estudantes, suscitando desagrado por parte do Milico, capitão do exército da República, e de seu capacho, o Soldado Uchôa, figuras opressoras e representantes do poder instituído. Com a Professora, Fátima entra para a guerrilha. Enquanto isso, em Monturo, o fantasma de Gaba provoca transformações, em especial, na figura de Maria do Sufoco, moça reprimida e trancafiada pela sua mãe carrasca Sinhá Isaura. A Sinhá juntamente com sua amiga Clotilde, tia de Irene, melhor amiga de Fátima, são responsáveis por tecer comentários maldosos sobre todos de Monturo, passando em revista todos os acontecimentos da cidade, falando da migração da inquieta Fátima, das atividades de macumba no terreiro até da vocação de Sufoco ao casamento e aos filhos.

A temperatura começa a subir em Monturo, quando Sufoco escapa das garras de Isaura, ao saber que está grávida e quando Estêvão revela seus desejos homossexuais pelo companheiro Camilo, namorado da

# MAN ZUÁ



---

---

protagonista. Sufoco e Estêvão por seus desmandos à ordem e bons costumes da vila de Monturo são segregados e pedem acolhida no terreiro de maracatu, guiado pela yalorixá Mãe Bininha, com auxílio de sua afilhada, Anã, menina com retardos e visões espirituais. Com a chegada dos *fardas* a Monturo, o estado de repressão aumenta. Há de se destacar que a fábula ainda conta com três coros: o coro de monturo, o coro de estudantes e o coro de mulheres, fazendo as vezes da opinião pública, do estado de coletividade destas personas.

Em *Fogo de Monturo*, as máscaras manifestaram-se enquanto ficção que se atrita às vidas pessoais das atrizes e dos atores do *Grupo de Teatro Arkhétypos*, na defesa de uma dramaturgia onde a criadora e o criador investigam a si mesmos e representa a vida oculta da consciência. Estamos assim próximos a um teatro, que ao ser experienciado nos traz a ideia de *rito de passagem* (GENNEP, 2006).

Importante lembrar, que ao passo que foi urdida a dramaturgia de *Fogo de Monturo*, também foi elaborada a proposição musical do espetáculo, partindo de duas diferentes perspectivas ligadas às atmosferas dos espaços ficcionais do texto. Ritmos relacionados às brincadeiras populares, transgressoras e tradicionais do Nordeste como: os maracatus de corte e rural, o frevo de bloco, o baião e os pontos de candomblé e umbanda, relacionavam-se à atmosfera de *Monturo*. Sons percursivos oferecerão a tônica das músicas do vilarejo, anunciando os movimentos da *Capital*, por meio das sonoridades de sopros, como o trompete e a corneta. Além dos sopros e marchas militares, a *Capital* desvela os sons de cordas dos violões retomando os festivais de música estudantil do período do regime ditatorial no Brasil.

A musicista Alessandra Leão, pernambucana, radicada em São Paulo, foi responsável por burilar as melodias criadas para as letras já

# MAN ZUÁ

versadas na dramaturgia juntamente com o guitarrista paulistano Rafa Barreto. A cenografia por mim elaborada na interlocução com o Grupo Arkhétypos, foi construída por uma rede de símbolos. Toda a fábula se desenvolve sobre um piso disposto em formato de cruz, forrado de notícias de jornal acerca da ditadura. Uma linha vermelha distribui-se em toda extensão desta cruz. Sobre o piso de jornais, espalha-se focos de fogo. É nesta disposição que os atores e atrizes desvelaram



Imagem 01: atriz-pesquisadora Alice Jácome em cena com a figura Anã, no espetáculo FOGO DE MONTURO. Foto de José Barbosa.

toda história, fazendo de cada ponto da encruzilhada, a atmosfera de cada espaço ficcional.

Em verdade, cenografia e iluminação coadunaram-se em *Fogo de Monturo*. Em cada ponto desta cruz dispõe-se um biombo transparente que se transforma em tela para projeções de sombras, evidenciando a presença do cinema da cidade. A luz mescla-se com as ações às sombras refletindo simbolicamente os espaços ficcionais, algumas personagens e conflitos existenciais da história. Na atuação, o olhar da atriz e do ator que controla a imagem projetada na tela, a sombra; e o movimento da silhueta nem sempre condiz com o movimento da sombra/imagem. Desta forma, esta atriz e este ator atuam 'fora' do personagem, selecionando ações e movimentos para as sombras que animará, como também atuará 'dentro' dele, na medida em que se mostra em silhueta tridimensional com o próprio corpo ou mesmo à luz. As fontes de iluminação utilizadas foram diversificadas entre velas,

# MAN ZUÁ

lâmparas, lanternas, refletores, produzindo imagens, formas e texturas com transparência.

A indumentária seguiu uma paleta de cores que variam entre o

branco, o vermelho e o preto, que remetem aos três fluxos do corpo feminino: leite, sangue e cinzas. Estas cores distribuem-se como pele dos personagens, os quais ostentam em detalhes as texturas queimadas, camufladas da guerrilha. Pensado



Imagem 02: atrizes-pesquisadoras Tatiane Tenório e Marília Negra Flor em cena, no espetáculo FOGO DE MONTURO. Foto Paulo Fuga.



Imagem 03: atrizes-pesquisadoras Leila Bezerra e Clareana Grabner em cena, no espetáculo FOGO DE MONTURO. Foto Paulo Fuga.

# MAN ZUÁ



pela figurinista Paula Vanina<sup>8</sup>, o trabalho com os figurinos ressaltou a irreverência e a cruzeza dos tempos duros da ditadura.



Imagem 04: atores-pesquisadores do Grupo de Teatro Arkhétypos, no espetáculo FOGO DE MONTURO. Foto Paulo Fuga.

Seguem imagens-Base que instigaram na Construção de Espaço cenográfico- iluminação-indumentária:

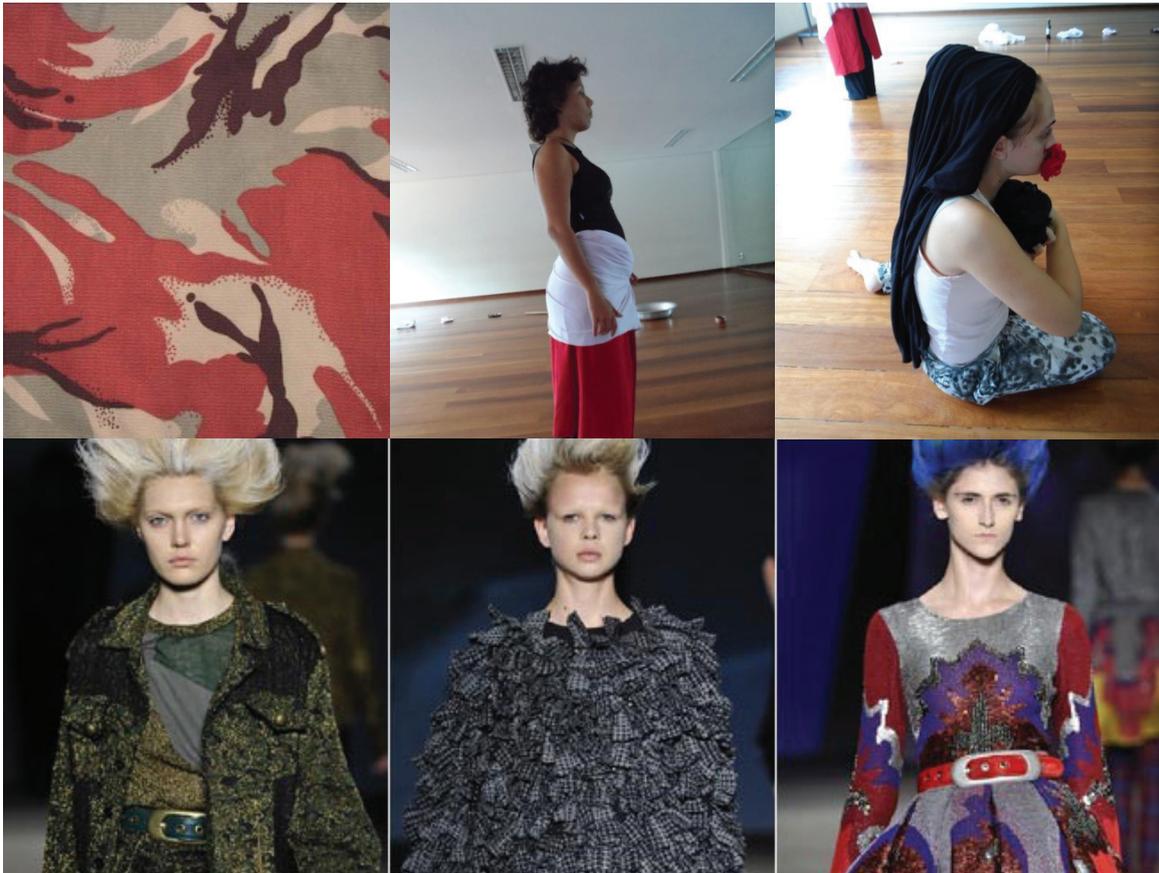


Imagens 05 a 08: referências para criação de espaço cenográfico e iluminação de FOGO DE MONTURO. Imagens do arquivo da pesquisadora

---

08 - Artista plástica, designer, figurinista e videomaker paulista radicada em Natal.

# MAN ZUÁ



Imagens 09 a 14: referências para criação de indumentária de FOGO DE MONTURO. Imagens do arquivo da pesquisadora

# MAN ZUÁ

Imprescindível também foi o trabalho de direção atoral do Prof. Robson Haderchpek<sup>9</sup> neste período de montagem. Depois de por mim desenhadas as ações, Robson passou a trabalhar nuances das personas levantadas pelas atrizes e pelos atores, num processo de lapidação dos arquétipos, que avançou até a sua primeira apresentação.

Em 12 de junho de 2015, *Fogo de Monturo* estreou no Teatro

Hermilo Borba Filho, em Recife-PE, durante o evento USINA TEATRAL – TEATRO E MITO: IMAGINÁRIO E A CENA CONTEMPORÂNEA, produzido pelo SESC-PE. O grupo Arkhétypos concluiu o evento, seguindo para mais duas apresentações no Barracão dos Clowns do Shakespeare, em Natal-RN, onde se fechou o ciclo de apresentações e a fase de experimentação prática do projeto de pesquisa.



Imagem 15: plateia ao final da estreia de FOGO DE MONTURO, em junho de 2015, no Teatro Hermilo Borba Filho, durante o evento USINA TEATRAL (SESC/SP). Foto José Barbosa.

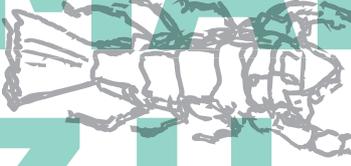


Imagem 16: Luciana Lyra e Robson Haderchpek ao final da estreia de FOGO DE MONTURO, em junho de 2015, no Teatro Hermilo Borba Filho, durante o evento USINA TEATRAL (SESC/SP). Foto José Barbosa.

---

09 - Professor efetivo da área de Artes Cênicas da UFRN, diretor geral e coordenador do grupo de teatro Arkhétypos.

# MAN ZUA



---

---

Rememorar o caminho da montagem de *Fogo de Monturo*, entre 2014 e 2015, faz-nos refletir acerca do calibre feminista da dramaturgia, da encenação e suas estratégias de musicalidade e visualidades profundamente ancoradas em narrativas idiossincráticas e, ao mesmo passo, articulando tempos sociais (1964/2014) de nossa *falocêntrica* história nacional. De alguma forma, encenar esta dramaturgia em 2015, transformou a cena, a meu ver, em arena de debates políticos, pressagiando sombrios momentos de nossa historiografia que hoje se configura em caminhos tortos de um renovado estado de pré-ditadura.

Construir a cena de *Fogo de Monturo* nos alerta que não é de hoje que os militares são uma força política no nosso país. Foram os militares que concretizaram a ideia da República, e, ao mesmo tempo, levantaram-se logo contra ela na *Revolta da Armada*. Na década de 1920 os tenentes também se engajaram em insurreições nos quartéis, com

dezenas de mortos e feridos, até o triunfo da revolução de 1930, na qual os militares e os tenentes foram a força primordial.

Em 1934, o Brasil ganhou uma nova Constituição, *rasgada* pelo Estado-Maior do Exército em 1937, e substituída por outra redigida sob o comando do general Góes Monteiro, o chefe do Exército, que copiou da Constituição imposta pelo ditador polaco Pilziusque. O Estado Novo foi até a destituição de Getúlio Vargas, em 1945, quando assume o eleito presidente Eurico Gaspar Dutra, ex-chefe do Exército, que faz um governo reacionário, religioso, pró-Estados Unidos, repressivo aos trabalhadores e à esquerda.

Com o retorno de Vargas, eleito em 1950, e do seu PTB, partes importantes do Exército e da Marinha e Aeronáutica, inconformados, iniciaram uma sequência de tentativas de golpes de Estado. Lembrar também que os militares também se organizaram, em 1955, para impedir a posse de

# MAN ZUA



Juscelino Kubitschek, que enfrentou dois levantamentos militares. Depois da renúncia de Jânio, acabaram por constituir um golpe, que é paralisado pela resistência de Leonel Brizola e a divisão do Exército, como em 1955, quando o marechal Lot deu um contragolpe e assegurou a posse de JK.

Avançando no tempo, em 1964, como acenado no início deste texto, instalou-se um novo golpe militar, bem mais estruturado e perene, durando até 1985, com as eleições diretas. Como vemos, os militares sempre foram uma força política a serviço das elites conservadoras e pró-Estados Unidos. Em 1964, alinhamo-nos totalmente aos Estados Unidos, mandando até tropas para a invasão imperialista da República Dominicana para sufocar uma rebelião popular democrática, sempre apoiando as elites agrárias e de direita sob o manto da luta contra o comunismo.

A Constituição de 1988 poderia ter posto um fim nisso, mas

não o realizou, conciliou-se com as Forças Armadas e o primeiro resultado incisivo se dá em 2016, com a deposição de Dilma Rousseff, presidenta eleita democraticamente, a partir de um golpe de estado de requintes misóginos arquitetado para destituir do poder as forças de esquerda, o que vem a culminar, em 2019, com a eleição do presidente Jair Bolsonaro.

A conjuntura de gravidade no campo político e social assola o país no momento atual, e só se aprofunda na medida em que novos episódios vem morbidamente à tona, como é o caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, militante dos direitos humanos e eleita pelo PSOL-RJ, execução ocorrida em 2018, com fortes suspeitas de envolvimento da família do presidente.

Agora não se trata tão somente do risco do autoritarismo, mas da face oculta de todas as ditaduras, a violência acobertada pelo Estado ou por ele agenciada. Passo a passo vamos compreendendo como nos

# MAN ZUA



custará ter anistiado os dolos da ditadura. Os crimes que fabulei junto com o grupo Arkhétypos de teatro em *Fogo de Monturo*, entre 2014/2015, cinquenta anos após a última fase ditatorial que nos assolou, novamente voltam a assombrar a malha social.

Desta maneira, entendo que nossa montagem de *Fogo de Monturo* cumpriu umas das funções mais importantes da arte que é nos alertar simbolicamente dos tempos escuros, para que esta reflexão possa nos transportar para significativas posições políticas no mundo que vivemos contemporaneamente. Que possamos ouvir o fantasma de Gaba Machado nos seus gritos e nas suas potentes transgressões e como Fátima, a protagonista da

fábula, em conjunto com o seu coro de estudantes, tenhamos a coragem de encarar o poder instituído e bradar para que a falsa segurança evocada pelos militares se dissipe definitivamente de nossos próximos horizontes:

## **CORO DE ESTUDANTES**

Que falta nesta república?  
Que mais por sua desonra?  
Falta mais que lhe ponha?  
O demo a viver se exponha  
Por mais que a fama exalta  
Na terra onde tudo falta  
Verdade, honra e vergonha...  
Verdade, honra e vergonha.  
(LYRA, p.42, 2017)

# MAN ZUA



## REFERÊNCIAS

DAWSEY, John. **Victor Turner e a antropologia da experiência.** São Paulo. Cadernos de Campo, 13:163-176, 2005.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia.** Lisboa, Editorial Presença, 1990.

LYRA, Luciana. **Dramaturgia Feminista: Fogo de Monturo & Quarança.** São Paulo, Giostri Editora, 2017.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. **Mitodologia em Arte no cultivo do trabalho do ator: uma experiência de f(r)icção.** 2015. Relatório (Pós doutorado em Artes Cênicas), DEARTE, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal-RN, 2015. (não publicado)

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** Petrópolis. Vozes, 2006.